

“O JEITO POLONÊS É UM POUCO DIFERENTE DO BRASILEIRO”: MANIFESTAÇÃO DAS IDENTIDADES ÉTNICO-LINGUÍSTICAS DOS DESCENDENTES DE POLONESES NO SUL DO PARANÁ*

“THE POLISH WAY IS A LITTLE DIFFERENT FROM THE BRAZILIAN ONE”: MANIFESTATION OF ETHNIC-LINGUISTIC IDENTITIES OF POLES DESCENDANTS IN SOUTH OF PARANÁ

Silvia Regina DeLong**
Dorotea Frank Kersch***

RESUMO

Neste artigo, discutimos como as práticas de linguagem em que falantes de polonês no Brasil se envolvem tematizam e instituem questões de identidade. O objetivo é refletir sobre as identidades étnico-linguísticas dos descendentes de poloneses de uma zona rural do Paraná, com o intuito de compreender como essas identidades se manifestam em contexto bilíngue. Participam do estudo um idoso, uma jovem senhora, uma adolescente e um religioso, os quais, por meio de entrevista semiestruturada, constituem-se discursivamente. A pesquisa apoia-se nos estudos culturais e da linguística aplicada sobre identidade. Os resultados mostram que tais identidades são mantidas pelas crenças, valores, atitudes e religião. Junto com esses elementos, o polonês falado se caracteriza pela alternância das duas línguas e constitui o “jeito de ser” e falar polonês.

PALAVRAS-CHAVE

Cultura; contexto bilíngue; polonês; identidades étnico-linguísticas.

ABSTRACT

In this article we discuss how the language practices in which Polish speakers in Brasil engage are thematizing and instituting identity issues. The aim is to reflect on the ethnic-linguistic identities of descendants of Polish immigrants living in a rural area in the south of Paraná, in order to understand how these identities manifest themselves in a bilingual context. Four descendants of Poles are taking part in the study: an elderly man, a young lady, a teenager and a parish priest of the local church, who, through a semi-structured interview, constitute themselves discursively. The research, ethnographic based, relies on cultural studies and applied linguistics on identity. The results show that ethnic-linguistic identity is maintained by everything that concerns the Polish: beliefs, values, attitudes, symbolic elements, among which, religion itself and the language - a mixture of Polish and Portuguese. All these elements constitute the "way of being" and speak Polish.

KEYWORDS

Culture; bilingual context; polish; ethnic and linguistic identities.

* Recebido em 24/10/2017 e aprovado em 10/10/2018.

** Universidade Estadual do Paraná.

*** Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

PALAVRAS INICIAIS

O sul do Brasil caracteriza-se por, no séc. XIX, ter recebido grandes levas de imigrantes, principalmente europeus e asiáticos, como italianos, alemães, poloneses, ucranianos, japoneses, entre outros. Nesta pesquisa, destacamos o Paraná por ser considerado o berço da imigração polonesa, já que essa etnia não tem sido suficientemente estudada, de modo especial pela linguística, enquanto os demais grupos já têm recebido atenção em muitas investigações.

Em DeLong e Kersch (2014), foi discutido como um jovem padre, descendente de imigrantes poloneses, constitui discursivamente sua identidade étnico-linguística. Nesse trabalho, já foi possível verificar diferentes aspectos que constituem as identidades étnico-linguísticas, uma vez que ora o participante se revelava polonês, ora se excluía desse grupo; ora demonstrava acreditar que a língua polonesa era importante para preservar a cultura, ora priorizava línguas de maior prestígio (inglês e espanhol) em sua vida. Em algumas situações, dependendo de seus interlocutores, monitorava sua fala para que não transparecesse que era “polonês”.

Nesta pesquisa, ampliamos os participantes – um idoso, uma jovem senhora, um padre e uma adolescente – que moram em Santa Faustina¹, no interior do Paraná. Entre o início de 2014 e final de 2015, acompanhamos esses e outros indivíduos – que vamos caracterizar como polono-brasileiros, isto é, descendentes de poloneses nascidos no Brasil. Nós os acompanhamos em alguns eventos de letramento que lhes são muito caros, como a Via Sacra rezada na época da Páscoa, ou as missas que, naquela ocasião, ainda eram rezadas em polonês. Para conhecê-los mais e saber o que pensam e como interpretam o mundo, realizamos entrevistas semiestruturadas com eles, nas quais narram suas histórias.

O conhecimento que acumulamos a respeito desses indivíduos e os dados que geramos no período em que os acompanhamos nos levam a perguntar: o que faz essa comunidade manter ‘o jeito de ser polonês’? Que aspectos desse ‘jeito de ser’ são importantes para a manutenção das identidades étnico-linguísticas dos descendentes de poloneses? O que caracteriza o polonês falado no sul do Paraná?

Durante o período de quase dois anos, estivemos presentes esporadicamente na comunidade pesquisada, na qual desenvolvemos “trabalho de campo extenso, mas intermitente: muito intenso em certos momentos, bem menos intenso em outros” (GARCEZ; SCHULZ, 2015, p. 14), o que faz com que situemos nosso estudo como etnografia da linguagem. Ampliamos aqui o debate que iniciamos em 2014, lançando mais um olhar sobre o polonês falado no sul do Paraná, discutindo como as práticas de linguagem em que seus falantes se envolvem instituem questões de identidade.

¹ Nome fictício da comunidade pesquisada.

A proposta deste artigo é refletir sobre as identidades étnico-linguísticas² dos descendentes de imigrantes poloneses residentes em uma zona rural, no sul do Estado do Paraná, com o intuito de compreender como essas identidades se manifestam em contexto bilíngue e como eles as interpretam.

Depois desta introdução, inicialmente, faremos um breve histórico dos primeiros imigrantes poloneses que vieram ao Paraná, mais especificamente os que se fixaram em Santa Faustina, com o intuito de apresentar a comunidade em que os participantes de nossa pesquisa vivem. Em seguida, apontamos o referencial teórico que sustenta nossa investigação. Depois, na metodologia, caracterizamos nossa pesquisa e apresentamos os participantes. Por último, analisamos e discutimos os dados, em que ressaltamos as identidades múltiplas desses participantes, bem como aspectos relacionados à preservação e manutenção da língua polonesa na comunidade.

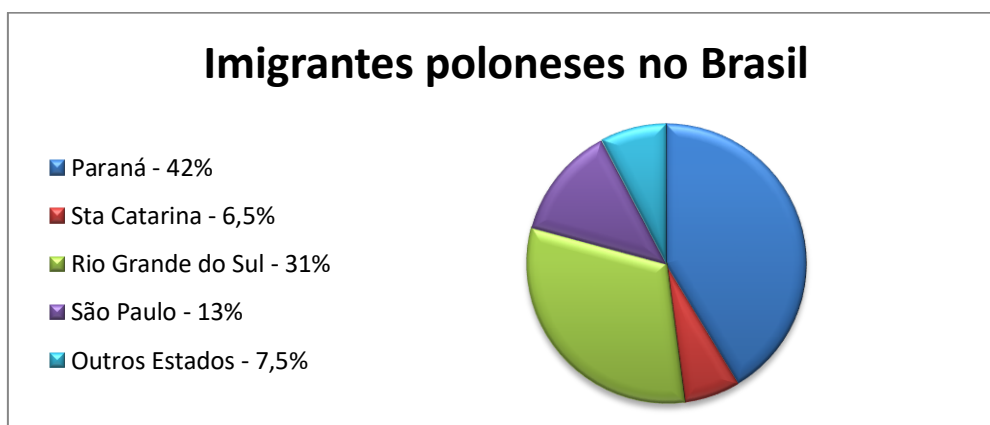
BREVE HISTÓRICO DOS PRIMEIROS IMIGRANTES POLONESES NO PARANÁ

A imigração polonesa ao Brasil se deu por vários fatores, dentre os quais Wachowicz (1981) elenca: na Polônia, reforma agrária sem vantagens para o camponês; grave crise econômica devido às chuvas torrenciais, o que causou muito prejuízo para as colheitas; escassez de alimentos; epidemias de tifo e cólera; mendicância, violência. Desesperados com toda essa situação, muitos emigraram ao Brasil com a esperança de encontrar uma vida melhor. Em 1924, Kazimierz Gluchowski tenta mensurar o número de imigrantes poloneses que adentraram no Brasil, dividindo a imigração em quatro grandes períodos. No entanto, Gritti (2004) explica que não há registros confiáveis desses imigrantes que adentraram ao Brasil, haja vista que a Polônia estava dominada pela Áustria, Prússia e Rússia e, portanto, os que migravam para outros países eram registrados como austríacos, prussianos ou russos, respectivamente. Entretanto, valendo-nos dos dados de Gluchowski (1924), o primeiro período foi de 1872 a 1889, com aproximadamente 8.580 poloneses, sendo 7.030 emigraram para o Paraná. O segundo período, também conhecido como “*febre brasileira*” (WACHOWICZ, 1981, p. 42), ocorreu entre 1890 e 1894. Nessa segunda fase, a entrada de imigrantes poloneses no Brasil correspondeu a 63.500, dos quais 15.000 foram para o Paraná. Wachowicz (1981) explica que, no final de 1894, os poloneses que viviam sob o domínio da Áustria, mais especificamente na região da Galícia, foram atingidos pela *febre brasileira*, pois almejavam transformar-se em proprietários de terra, mesmo que fosse em um país além-mar. Outrossim, a viagem transoceânica gratuita, paga pelo governo brasileiro, era algo que “funcionava como um magnetismo impulsionador da emigração” (WACHOWICZ, 1981, p. 57). A terceira fase, de 1894 a 1900, foi menor se comparada ao período anterior, com apenas 6.500 poloneses. O Paraná recebeu 92% deles. O último período, compreendido entre os

² Identidade étnico-linguística é quando a língua acaba definindo a etnia. Assim, os descendentes de poloneses se identificam como poloneses quando falam a língua polonesa, mas também se identificam como brasileiros quando falam o português-brasileiro.

anos de 1900 até 1914, recebeu 24.730 e o Paraná mais uma vez liderou com 14.739 imigrantes poloneses que se estabeleceram nos arredores de Curitiba e também no interior do Estado. Gritti (2004) ressalta que os dados apresentados se baseiam na pesquisa de Kazimierz Gluchowicz, côsul polonês que, em 1924, publicou o livro “*Wśród Pionierów Polskich na Antypodach: materialy do problemu osadnictwa w Brazylii*”³. Assim, se formos considera o total de imigrantes poloneses vindos ao Brasil, teríamos o seguinte gráfico:

Gráfico 1



Fonte: Dados extraídos de Gluchowski (1924).

A figura nos mostra que o maior número de imigrantes poloneses foi recebido pelo Paraná, razão que faz o Estado ser considerado o “berço da imigração polonesa no Brasil”. Dos 103.310 poloneses que vieram ao Brasil, 42% (42.760) se fixaram no Paraná; Santa Catarina ficou com apenas 6,5%, que corresponde a 6.750; no Rio Grande do Sul 32.300, percentual de 31%; São Paulo recebeu 13.500 (13%) e 8.000 (7,5%) em outros Estados brasileiros.

A imigração polonesa em Santa Faustina ocorreu no 4º período, mais precisamente em 1911. Depois de 27 dias viajando pelo Atlântico, chegaram ao Rio de Janeiro e logo partiram em direção a Paranaguá, ainda de navio. Depois, foram de trem até Curitiba e, em seguida Mallet, interior do Paraná. De Mallet seguiram até a terra que o governo brasileiro havia designado para os poloneses. Como não havia carroças para transportar todas as pessoas, muitos fizeram o trajeto a pé, cerca de 50 km, pela Serra da Esperança. A princípio, a estrada era larga, mas, à medida que se aproximavam do destino final, tornava-se cada vez mais estreita, pedregosa e muito sinuosa. Aos poucos, toda expectativa desaparecia para dar lugar a uma grande desilusão, pois, ao chegarem à “terra prometida”, encontraram apenas algumas *butkas*⁴.

A situação precária e a falta de higiene a epidemia do tifo e cólera, o que causou a morte de cerca de 800 pessoas. Depois de algum tempo, foram se

³ Este livro foi traduzido por Mariano Kawka, em 2005, com o seguinte título: “Os poloneses no Brasil: subsídios para o problema da colonização polonesa no Brasil”. Porto Alegre: Rodicz & Ordakowski, 2005.

⁴ Pequenas casas de madeira lascada, medindo 3x4m, onde deveriam ficar alojadas duas famílias em cada uma.

acostumando à nova vida no Brasil, mas continuaram preservando os costumes trazidos pelos primeiros imigrantes, assim como a língua polonesa. Essa língua, mesmo sendo o polonês de mais de 100 anos atrás, ainda é utilizada por muitos, sendo um importante fator identitário para essa comunidade, que conta com aproximadamente 80% de descendentes de poloneses. Alguns são pequenos agricultores, isto é, desenvolvem “agricultura de subsistência”, outros trabalham no comércio local e os demais nas escolas públicas, municipal (educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental) e estadual (anos finais do fundamental e ensino médio). A religião é predominantemente católica e até bem pouco tempo (2014) eram rezadas missas em língua polonesa, uma vez por mês, mas, com a transferência do padre para outra localidade, essas missas deixaram de acontecer.

A CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES

Esta pesquisa apoia-se nos pressupostos teóricos sobre identidades, temática amplamente abordada por Hall (2000); Gee (2000-2001); Moita Lopes (2002); Leffa (2012), por exemplo.

Na visão de Hall (2000, p. 10), há três concepções de identidade que foram sendo modificadas ao longo dos tempos. A primeira concepção se referia ao sujeito do Iluminismo considerado como “um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão de consciência e de ação”. Para Hall (2000, p. 13) “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”. A segunda concepção se refere ao sujeito sociológico, ou seja, “identidade é formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade”. A terceira concepção está voltada para o sujeito pós-moderno, surgido na metade do século XX (conhecida também como modernidade tardia). Tal sujeito apresenta uma identidade fragmentada que está composta de inúmeras identidades que se desagregam e se deslocam continuamente.

Hall (2013, p. 109-110) ressalta que

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma ‘identidade’ em seu significado tradicional – isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna.

Dessa forma, pode-se afirmar que “cada pessoa é membro de muitos discursos e cada discurso representa uma de nossas múltiplas identidades” (GEE, 2000-2001). Na opinião de Gee (2000-2001), além de múltiplas, as identidades são “contraditórias”, uma vez que dependem da situação e do interlocutor, isto é, uma identidade fica suprimida para que a outra possa aparecer, dependendo das circunstâncias. Contudo, a nossa concepção é que as identidades possuem muitas faces, sendo que cada uma delas se apresenta no discurso situado, que, por sua vez, depende dos interlocutores. Por essa razão, entendemos que as identidades não são contraditórias, mas estão

internalizadas e se manifestam através dos discursos e das situações que se apresentam. Podemos mencionar ainda os trabalhos de Delong e Kersch (2014) e Delong (2016), que abordaram os aspectos identitários dos descendentes de poloneses no sul do Paraná.

O que se percebe é que muitas áreas do conhecimento têm dedicado grande atenção aos estudos de identidade, como é o caso da Sociologia, Pedagogia, Psicologia, as quais tentam compreender o indivíduo em suas relações com os outros, os papéis que desempenha para que a interação possa acontecer. De acordo com Leffa (2012, p. 73), “quando mudamos de código, mudamos também de identidade”. Tal mudança se reflete em comunidades bilíngues, como é o caso da comunidade pesquisada. O referido autor (2012) explica que, quando os bilíngues trocam de código linguístico, eles evidenciam pelo menos duas identidades, isto é, “a identidade de falante de língua materna e a identidade de falante da língua estrangeira”. (LEFFA, 2012, p. 73). Moita Lopes (2002, p. 37), por sua vez, afirma que “a escolha de nossas múltiplas identidades não depende de nossa vontade, mas é determinada pelas práticas discursivas, impregnadas pelo poder, nas quais agimos, embora possamos resistir a essas práticas”.

Para corroborar, Leffa (2012) reitera que “a identidade existe porque mantemos relações: são as pessoas, acontecimentos ou situações que nos definem de inúmeras maneiras” e, acrescenta que “eu sou diferente em diferentes momentos e lugares”. Moita Lopes (2002) ressalta que a identidade social não pode ser vista levando-se em conta apenas um aspecto, portanto, há que se considerar que “as identidades sociais são complexas: gênero, raça, classe social, sexualidade, idade etc. e coexistem na mesma pessoa” (MOITA LOPES, 2002, p. 62). As identidades sociais, para Duzsak (2002), são produtos de processos de categorização que satisfazem as necessidades humanas de organização de experiências para acesso e uso futuros. Moita Lopes (2002, p. 60) ainda destaca que, “nossa ação discursiva não está simplesmente ocorrendo no mundo social de forma autônoma, mas, ao contrário, é fundamentalmente marcada por condições sócio-históricas particulares, que definem como os participantes se posicionam e são posicionados no discurso”.

Também Duzsak (2002) afirma que é natural construirmos a diferença entre ‘nós’ e os ‘outros’ e que, quando estamos interagindo com outras pessoas, procuramos sinais que nos aproximem ou distanciem de nosso interlocutor, tais como símbolos, gênero, aparência étnica, idade aparente, formas de agir, e, acima de tudo, a linguagem, considerada a ferramenta mais poderosa de construir nossas identidades. De fato, “a construção e a gestão das identidades sociais são realizadas através do discurso, por meio de várias estratégias e mecanismos linguísticos” (DUZSAK, 2002, p. 1, tradução nossa).

Em contextos bilíngues, como é o caso dos descendentes de poloneses, verificamos que, dependendo da situação e do interlocutor, as identidades oscilam entre a identidade de polonês e de brasileiro, ora apagando uma e realçando outra.

Delong e Kersch (2014) destacam que, em uma conversa com um jovem padre, Padre José⁵, descendente de poloneses, perceberam que, em alguns momentos, ele deixava apagada a sua identidade polonesa e manifestava a sua identidade étnica brasileira. Isso aconteceu, por exemplo, quando mencionou o vício do alcoolismo e algumas características do povo polonês. Quando, no discurso, Padre José assume o papel de padre, que condiz com uma conduta ilibada, ele se refere aos descendentes de poloneses como ‘eles’, excluindo-se do grupo.

Silva (2013, p. 76) ainda acrescenta que identidade e diferença fazem parte dos “atos da criação linguística”, por essa razão, nós somos constituídos na e pela linguagem, que, por sua vez estão vinculadas às relações de poder, portanto, “a identidade e a diferença não são, nunca, inocentes” (SILVA, 2013, p. 76). Leffa (2012) explica que, em contexto bilíngue, quando a diferença é negociada, não se trata apenas de tolerar a diferença no outro, mas também de aceitar e tentar compreender as razões que estão implícitas nas palavras e gestos, assim como aceitar a própria diferença em relação ao outro.

METODOLOGIA

Este trabalho é parte de uma pesquisa maior, “Vitalidade linguística e construção de identidades de descendentes de poloneses no sul do Paraná”, conduzida por Delong (2016), a qual abordou a construção das identidades étnico-linguísticas de um grupo de descendentes de poloneses no interior do Paraná. Durante aproximadamente dois anos, acompanhamos alguns eventos de letramento realizados em polonês em Santa Faustina: aulas de língua polonesa do CELEM (Centro de Línguas Estrangeiras Modernas)⁶, missas, reza do terço, Via Sacra, por exemplo. Também procuramos conhecer o que fosse relacionado à história dos descendentes de poloneses no sul do Paraná, de modo a poder compreender melhor essa etnia e construir um entendimento a respeito de seu jeito de ser e agir. Os dados foram gerados a partir de gravações audiovisuais das aulas de língua polonesa do CELEM; questionários aplicados para os alunos, professora e pedagoga do CELEM; gravação em áudio das entrevistas semiestruturadas com algumas pessoas da comunidade e anotações em diário de campo. Além das aulas de língua polonesa, também foram feitas pesquisas no Museu Etnográfico, Casa Paroquial e na Igreja católica local. Recorremos a alguns princípios da etnografia, observando os fatos ocorridos no meio natural, assim como as ações humanas para poder interpretá-las a partir do ponto de vista daqueles que as praticam, chamada “perspectiva êmica” (ERICKSON, 2001), colocando-nos no lugar do outro. Levamos em conta o “princípio do estranhamento” com a seguinte pergunta norteadora: “O que está acontecendo aqui e agora?”

⁵ Nome fictício.

⁶ O CELEM tem como objetivo oferecer várias línguas estrangeiras, como espanhol, francês, italiano, inglês, alemão, japonês, ucraniano, polonês e mandarim, no contraturno. Cada escola pública opta pela língua estrangeira que mais lhe convém. No caso de Santa Faustina, a escola fez a opção pelo polonês e espanhol.

(ERICKSON, 2001). Também utilizamos o princípio da reflexividade, abrindo-nos para novas aprendizagens, mas reconhecendo nossas limitações.

Para fins deste artigo, todavia, valemo-nos de dados obtidos através de entrevistas com os quatro participantes desta pesquisa, os quais, no nosso entender, cobrem diferentes gerações e diferentes momentos da história de Santa Faustina e, conseqüentemente, do polonês falado naquela região. Entendemos a entrevista, portanto, como um evento social, em que o discurso é construído cooperativamente, alinhando-nos a Bastos e dos Santos (2013). Para esses autores, “o entrevistado não é mais visto como a fonte de informações a serem objetivamente coletadas e analisadas, mas, antes, como alguém que coconstrói, com o entrevistador, o discurso produzido na situação de entrevista” (BASTOS; DOS SANTOS, 2013, p. 10). Participaram desta pesquisa:

- Sr. Amadeu, 82 anos, casado, pequeno agricultor. Mora com a sua esposa, em uma comunidade próxima a Santa Faustina.

- Padre Euzébio, 48 anos, pároco da Igreja de Santa Faustina, descendente de poloneses, por parte de pai e de ucranianos, por parte de mãe, 24 anos de sacerdócio.

- Verônica é jovem senhora de 23 anos, ex-aluna do CELEM, casada, tem uma filha de um ano e meio e é técnica de enfermagem. No momento da pesquisa, morava ao lado da casa de sua mãe.

- Terezinha é uma adolescente de 14 anos, aluna da escola pública e também do curso de língua polonesa do CELEM.

Essas quatro pessoas, apesar de apresentarem características diversas como profissão, gênero e idade, podem nos fornecer indicativos sobre as situações em que as identidades étnico-linguísticas se manifestam no discurso, bem como sobre os aspectos que caracterizam o ‘jeito de ser polonês’ e que ajudam na manutenção e vitalidade da língua polonesa na comunidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Cada ato de linguagem acaba sendo também um ato de identidade, pois nós nos constituímos na e pela linguagem. Acompanhar os moradores de Santa Faustina no seu dia a dia ao longo de aproximadamente dois anos, e conversar com seus moradores em diferentes momentos e lugares nos aproxima do seu ‘jeito de ser’, marcado pela etnia de seus antepassados, que se mantém viva na língua, nos ritos e nos elementos simbólicos, por exemplo, e também por características do povo que vive aqui, e que os ajuda(ra)m a construir e constituir. Ao entrar em Santa Faustina, e sermos inseridas na comunidade, ‘nós’ nos aproximamos dos ‘outros’ e fomos nos constituindo identitariamente, o que também vai se manifestar nas entrevistas, cujo conteúdo analisamos na sequência.

Nossas identidades oscilam, dependendo da época e do lugar onde estamos, da circunstância e do interlocutor, pois as negociamos a todo instante. As conversas que tivemos com cada um dos participantes nos ajudam a identificar como esses descendentes de poloneses manifestam as suas identidades étnico-linguísticas, como

se veem e como veem os outros, uma vez que nos constituímos em relação aos outros. Quando perguntamos ao Sr. Amadeu, por exemplo, como era, na sua infância, sua relação com o português, ele conta como ele e seus irmãos ‘se criaram’:

Sr. Amadeu: [...] lá em casa nós nos criamos assim... era assim... nós proseava em POLONÊS... ele era polonês ((refere-se ao seu pai)) e nós éramos os filhos dele e:: então lá a conversa entre família era só polonês... e quando nós entramos ((refere-se à escola)) ...**mas nós nos criamos no meio dos brasileiros**, né?... como dizemos brasileiro aqueles que já estavam aqui... **então nós sabíamos as duas línguas...** a gente já compreendia as duas línguas... **mas lá em casa... com o pai e com a mãe não era brasileiro...** ((refere-se ao português brasileiro)) **lá era proibido... NÃO é que era proibido... mas o pai HON-RA-VA... acho que a:: ele honrava acho que a:: a língua dele...** entre nós prose:: **a não ser que tivesse um brasileiro lá em casa...** aí alguém podia falar... mas... com eles não... não... não era... só a língua deles mesmo, né?

O Sr. Amadeu nasceu no Brasil, portanto, é brasileiro, mas sua fala deixa bem marcada essa sua oscilação entre ‘os dois mundos’: o da sua família e vizinhos, constituído por descendentes de poloneses, e os outros, os brasileiros, ‘aqueles que já estavam aqui’. Como diz Duzsak (2006, p. 1, tradução nossa), “somente quando nos comparamos com outros podemos construir nossas afiliações e não-alinhamentos”.

Na conversa conosco, ele apaga uma identidade e ressalta outra, como, por exemplo, “**mas nós nos criamos no meio dos brasileiros, né?**” O que se percebe é que nesse momento a sua identidade polonesa se revela, como se ele não fosse (também) brasileiro. Mas, logo em seguida, ele fala que o seu pai honrava a língua “**dele**”, isto é, a língua polonesa e, dessa vez a identidade brasileira aparece, e a polonesa se apaga. Nota-se que o Sr. Amadeu sabe quem é (descendente de poloneses) em relação àquilo que ele não é (um brasileiro daqui). Os ‘outros’ são aqueles que não falam a sua língua. Observa-se, também, na sua fala, a política linguística de que seus pais lançaram mão para manter a língua de seus antepassados: a ‘proibição’ do português no ambiente doméstico e o cultivo do polonês. Evidentemente, essa política era levada a cabo na ausência dos outros, os ‘brasileiros’ (aqueles que não eram descendentes de poloneses), e, na opinião dos participantes da pesquisa, pelas mães e avós. É como se Santa Faustina fosse mesmo o resultado dessa combinação de culturas, valores, línguas, crenças. Ainda que o português fosse também sua língua, ele se reconhece diferente dos brasileiros monolíngues e, por essa razão, na presença deles, o polonês não era usado.

Outro trecho em que as identidades étnico-linguísticas do Sr. Amadeu se manifestam é quando perguntamos se ele se considera polonês, brasileiro ou a mistura dos dois. Ele pensa um pouco, sorri e diz: “**agora... EU SOU BRASILEIRO porque nasci aqui e servi à Pátria e sou brasileiro... me considero brasileiro... DESCENDENTE de polonês...**”.

Apesar de dizer que “EU SOU BRASILEIRO”, o advérbio “agora” pressupõe que antes (na família, antes de ir à escola) era polonês, porque, de certa forma, ficava separado desse outro ‘mundo’, mas, no momento em que serviu o exército brasileiro, sua identidade brasileira foi reforçada, e a identidade polonesa, apagada.

Verônica, muito mais jovem que o Sr. Amadeu, sendo ambos separados por duas gerações, também fica confusa quando relata como foi sua infância e a relação de sua família com a língua polonesa:

Verônica - Ai... ai... **se for contar a parte EU com a família da minha mãe eu me con:: eu me con:: mais polonesa do que brasileira...** agora se eu ir **pro lado do meu marido já sou mais brasileira do que polonesa porque daí, né?... eles é pouco que falam, né?...** então... quando eu vou na casa deles... vou passear na família deles... a gente fala só o português... agora... **quando eu vou pra casa da minha vó... das minhas tias... só o polonês...então tipo é:: uma mistura... complicado de dizer... mas... eu acho que sou mais polonesa que brasileira porque quando eu estou aqui com a minha mãe, né?... com a minha família... que eu fui CRIADA é polonês total, né?... nós conversamos mais em polonês... tudo... daí agora depois que eu casei que eu já virei mais brasileira de novo... porque ((risos)) daí o meu marido não fala, né?**

A identidade étnico-linguística de Verônica oscila bastante; ela deixa claro como ela se locomove nesse mundo de duas línguas. Quando está com a família de sua mãe, considera-se polonesa porque fala o polonês (a língua definindo a etnia, quem ela é). Podemos ver isso em dois trechos da sua fala: **“se for contar a parte EU com a família da minha mãe eu me con:: eu me con:: mais polonesa do que brasileira” (...)** **“mas eu acho que sou mais polonesa que brasileira porque quando eu estou aqui com a minha mãe, né?... [...]é polonês total, né?... nós conversamos mais em polonês”.**

Em contrapartida, sente-se mais brasileira quando está com o seu marido e com a família dele, já que eles só falam o português. Dessa forma, sua identidade está diretamente relacionada à língua falada. O outro mundo de Verônica é o do seu marido: **“se eu ir pro lado do meu marido já sou mais brasileira do que polonesa porque daí, né?... eles é pouco que falam, né?”** e, mais adiante **“daí agora depois que eu casei que eu já virei mais brasileira de novo... porque ((risos)) daí o meu marido não fala, né?** O pertencimento a este ou àquele grupo se dá por meio da língua. Verônica determina não apenas em que momento a língua será usada, mas também determina quem ela é: com sua família, fala polonês, logo, é ‘polonesa’. Mas ela também tem seu próprio núcleo familiar, que iniciou com o casamento. Esse núcleo não é bilíngue: ali é brasileira. Ela, como o Sr. Amadeu, sabe que precisa se aproximar de seu interlocutor, negociar com ele não apenas a língua por meio da qual se dará a interação, mas aquilo que definirá quem ela é: polonesa ou brasileira, ou seja, sua identidade étnico-linguística.

Importante observar que, ao dizer **“virei mais brasileira de novo”**, subentende-se que era brasileira (nasceu aqui), por algum tempo deixou de ser (porque na família em que cresceu suas interações aconteciam em polonês) e volta a ser brasileira ao lado de seu marido, quando conversam apenas em português. Isto nos mostra que **“é precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos”** (Hall, 2013, p. 109-110). É muito interessante esse jogo de nós/outros que se estabelece nas falas dos participantes da pesquisa. O sentimento de pertencimento,

como afirma Duzsak (2002), satisfaz o desejo humano de solidariedade, relacionamento, segurança ou conforto psicológico que vêm de compartilhar coisas com outras pessoas.

Outro aspecto é quando Verônica diz que fala com a mãe em polonês, **“polonês total”**, mas, em outro momento, ao lhe perguntar em quais situações ela fala a língua polonesa com a sua mãe, Verônica afirma que,

Verônica – tudo...tudo... vai indo... **tudo meio misturando um pouco de português... um pouco de polonês...** tudo junto vai indo... geralmente quando começamos de conversar... **começamos a falar em português... daqui a pouco já estamos terminando em polonês** e::: sempre assim... quando se encontra as tias... vamos uma na casa da outra **sempre predomina o polonês...** não adianta... **com a vó mais... a vó fala mais polonês... entende melhor do que o português...**

Nota-se que, a princípio, ela afirma que só fala o polonês com a família de sua mãe, mas, em seguida, explica que **“tudo meio misturando um pouco de português... um pouco de polonês”**, e também **“começamos a falar em português... daqui a pouco já estamos terminando em polonês”**, denota que as línguas se alternam a todo o momento (*code switching*), o que é muito frequente em comunidades bilíngues. Esse fenômeno foi estudado por Gumperz e Hymes, em 1972. Antes disso, muitos estudiosos acreditavam que *“o code switching era um erro de desempenho sem levar em conta o fato de que os falantes eram fluentes nas duas línguas”* (MOZZILLO, 2009, p. 185) e que alternam somente com quem é bilíngue também. O bilíngue sabe se adaptar a cada situação. Ele somente alterna as línguas com outro bilíngue. É bem provável que o polonês falado no sul do Paraná tenha mesmo essa característica: não é o polonês padrão, é um polonês falado no Brasil, com características que lhe são peculiares. Uma delas, a inclusão de palavras do português. Como se vê, a língua é o principal elemento para mostrar a proximidade ou distanciamento das relações sociais.

Na casa do Padre Euzébio, de uma geração intermediária entre o Sr. Amadeu e Verônica, também eram usadas, a partir de seu relato, as duas línguas para conversar. Ele explicou que **“mesmo na conversa com a família”... muitas coisas... mas... quase sempre entrecortado... uma parte em português e uma parte em polonês... não era só em polonês... entrecortado... algumas palavras polonesas... outras em português... então:... entrecortado, né?”** Assim como na casa de Verônica, na casa do Padre Euzébio o fenômeno de *code switching* era algo que ocorria frequentemente. Essas manifestações vão mostrando o que caracteriza o polonês falado no sul do Paraná, bem como o que foi e é responsável pela manutenção desse ‘jeito polonês’. Em todos os casos aqui analisados, foram os esforços domésticos – principalmente das mulheres – que mantiveram a língua polonesa viva.

As pessoas constroem suas identidades sociais a partir de vários parâmetros social e culturalmente relevantes, tais como etnicidade, nacionalidade, status profissional, gênero, idade, assim como ideologia e estilo de vida (DUSZAK, 2002). Terezinha, a mais jovem dos quatro, também relatou que ela fala todos os dias a língua polonesa com a família, e acrescentou que **“às vezes sai alguma ou outra palavra que**

a gente fala de um modo diferente, mas dá para compreender”. Depois acrescentou que o polonês falado em casa é misturado com o português **“algumas palavras são trocadas, em certos momentos”**.

Se é nas famílias que o polonês se mantém vivo até hoje, há que se reiterar que o ensino da língua polonesa ficava por conta das mulheres, geralmente, das mães e das avós. Padre Euzébio nos contou que seu pai era descendente de poloneses e sua mãe de ucranianos, mas, apesar de sua mãe não ser descendente de poloneses, foi ela quem ensinou aos filhos essa língua. Provavelmente, ela tenha aprendido a língua polonesa com o seu marido e ficou encarregada de ensiná-la aos seus filhos, já que essa incumbência estava a cargo da mulher.

Essa responsabilidade das mulheres de ensinar a língua para a próxima geração é registrada também por Verônica: **“com a minha mãe... com o meu:: com a minha mãe e com a minha vó... mais com a minha mãe mesmo, né?”**. Nota-se que Verônica se perde em suas lembranças e titubeia quando começa a falar, parece que vai se referir ao seu pai, mas não consegue pronunciar as palavras e, por fim, acaba dizendo que aprendeu com a mãe e com a vó.

Um aspecto importante é a forma como os descendentes de poloneses se referem à língua polonesa que eles falam na comunidade. Sr. Amadeu explicou que a língua **“serve pouco... só entre nós quando o:: na família... são... por exemplo... um casal... éh:: os dois descendentes de poloneses... então eh:: porque a gente conversa em polonês, né?... mas... assim fora:: ela... não serve, né?... não serve...”**.

Há um juízo de valor quando eles falam **“polonês misturado”** ou **“polonês entrecortado”**, já que acreditam que não é um polonês “puro”, portanto não serve para muita coisa, somente para conversar entre eles. Ainda assim, essa língua se mantém e é importante fator de identificação étnico-linguística.

Terezinha também ressaltou que fala frequentemente a língua polonesa com seus familiares, porém, esta língua é misturada com a língua portuguesa, **“Sim, com muita frequência. Com toda minha família. Às vezes sai alguma ou outra palavra que a gente fala de um modo diferente, mas dá para compreender...”** Além das conversas informais do dia a dia, Terezinha também mencionou que as orações são feitas somente em língua polonesa **“não basta só falar em polonês, é preciso aprender a rezar também.”**. Se, por um lado, a marcação dos limites entre ‘nós’ e ‘os outros’ é importante para a distinção dos papéis sociais, em situações de bilinguismo, essa demarcação pode vir a ser complexa, causando, muitas vezes, ambivalência. Essa ambivalência identitária, segundo Duszak (2002), pode ser resultante da socialização ou adaptação contraditória e do uso de diferentes posições. *O code switching* é um exemplo dessa ambivalência.

Como vimos demonstrando, o polonês se manteve entre os moradores de Santa Faustina, por um lado, porque ele foi ensinado sempre à geração seguinte nas famílias, pelas mães e avós. Por outro lado, a esfera religiosa também exerceu um papel muito importante para a manutenção da língua no local. Como disse Terezinha,

não basta falar polonês, tem de saber rezar. Todos os que participaram da pesquisa (e não apenas os quatro cujos dados analisamos aqui) relataram que a religião está muito presente na comunidade, seja através da reza do terço e celebração da Via Sacra em polonês, a partilha do *Oplatek*⁷, a bênção dos alimentos na Páscoa e a confecção de *pisanki*⁸. Ou seja, há muitos elementos simbólicos que ajudam a manter a língua viva, uma vez que ela não está isolada dos seus falantes e de suas práticas. Nas casas dos descendentes de poloneses há, por exemplo, muitos quadros religiosos pendurados nas paredes e pequenos oratórios nas salas que servem para as orações pessoais e a reza do terço em polonês. Na opinião de Maciel (2010, p. 20), “para que os costumes pudessem ser preservados, garantindo sua identidade, toda e qualquer manifestação que elevasse o sentido de cultura do país era importante”. No caso dos poloneses, “era através da fé e da religiosidade dos imigrantes que os costumes e a cultura polonesa seriam preservados” (MACIEL, 2010, p. 20).

A religião exerce, pois, um grande domínio na vida dos descendentes de poloneses de Santa Faustina. Se as mulheres são as responsáveis pela transmissão do polonês aos filhos e netos, os padres são tidos como autoridade máxima dentro da comunidade. Padre Euzébio explica que “As principais (refere-se às características) que eu noto é a **parte religiosa...sempre tem... não é exclusivo, mas é muito presente... eles são muito ligados à parte religiosa...uma segunda parte que tem o padre para eles é::: eles têm... diria muita reverência, né?... são assim muito educados e::: alguém que influencia a vida deles, né?”** .

A língua não é separada dos seus falantes e da sua cultura. Ao transmitir a língua à geração seguinte, as famílias transmitiram também um conjunto de crenças e valores que caracterizam o ‘jeito de ser’. Parece-nos que ser polono-brasileiro significa não apenas falar essa língua, mas aderir a um conjunto de práticas e eventos em que essa língua é necessária. Os eventos de letramento relacionados à religião católica desempenha(ra)m um papel fundamental para a manutenção do polonês entre os moradores de Santa Faustina. Delong (2016) demonstrou que, embora as mulheres tenham um papel muito importante de administração do lar, sua autoridade termina ali. Na comunidade, os padres exercem um papel de poder, de autoridade’ (‘reverência’). Como diz Padre Euzébio, a figura do padre é como a de um “pai”. Língua e religião, no caso do polonês falado no sul do Paraná, parecem não poderem ser dissociadas. A língua polonesa de Santa Faustina parece impregnada dela, seja nos ritos (Via Sacra, reza do terço em casa e meia hora antes das missas dominicais), seja nos objetos (quadros religiosos, imagens de santos, o próprio terço, entre outros).

⁷ *Oplatek* ou “pão-dos-anjos” é elaborado com os mesmos ingredientes com que são feitas as hóstias (pão ázimo). Em Curitiba, esses pães são feitos pelas religiosas da Congregação da Sagrada Família. A partilha do *oplatek* antes da Ceia de Natal é uma tradição entre os descendentes de poloneses.

⁸ *Pisanki* é uma arte popular polonesa, tradicional da Cracóvia, Silésia e Rzeszow. São ovos de galinha, pata, codorna ou avestruz que são revestidos com pequenos recortes de palha de trigo colados nos ovos formando lindos desenhos, que trazem muitos simbolismos. Infelizmente, tal tradição está caindo em desuso entre os descendentes de poloneses.

Para Verônica, a religião, materializada na figura do padre, desempenha papel muito importante na manutenção da coesão da comunidade. A religião, para ela, com seus dogmas, ritos e regras, funciona como um freio que não deixa que as pessoas cometam erros: “é muito importante para a vida da gente... muito importante... **eu creio que a religião ajuda bastante a não fazer coisas erradas, sabe?**” Nessa perspectiva, Verônica classifica as pessoas em dois grupos, as que frequentam a igreja católica e as que não frequentam:

Verônica: É um freio ((risos)) não:: não que assim...mais é porque tipo você já pensa mais assim no::no:: na questão de:: de peCAdo...que não POde... dessas coisas... porque eu creio que... eu vejo assim... que **quem não frequenta a igreja...** não tem que nem diz você um freio... **não tem limite nenhum... faz o que bem entender, né?** Tipo **não tem respeito pelo próximo...** essas coisas assim, sabe?... eu acho que **a igreja é importante** nisso... ela faz você... tipo... **ser um pouco mais responsável... ter a cabeça mais no luGAR...** é muito importante pra família... porque você pode ver que... **quem vai na igreja tem uma família bem estruturada...** e **quem não vai... às vezes não CASA... se amontoa... vivem peleando... bebendo... brigando, né?...** e **quem vai na igreja CASA... já procura levar o filho... sabe?...** eu creio que a religião é muito importante pra vida da gente.

Nota-se que a fala de Verônica vem carregada de crenças, valores e atitudes, que estão na base da organização de Santa Faustina, organização que divide as pessoas em dois grupos, fortemente marcados pela tradição: os que frequentam a igreja católica (e, por essa razão, levam uma vida regrada), e os que não frequentam (os ‘perdidos’, que não têm ‘a cabeça no lugar’). Por um lado, a religião católica ajudou a manter o polonês que ainda se fala naquela comunidade. Por outro lado, a força da igreja também é percebida pelos moradores como responsável pela coesão da comunidade. Ainda que Verônica seja uma mulher bastante jovem, a língua que a formou e formatou traz consigo uma série de valores que ela atribui à religião. A língua que fala (e tudo que está relacionado a ela, principalmente a religiosidade) faz com que, discursivamente, Verônica crie uma sociedade ‘perfeita’, onde as pessoas são responsáveis, têm a cabeça mais no lugar, têm uma família bem estruturada, procura encaminhar o filho para a religião, casa na igreja. O outro grupo, do qual ela não faz parte, são os que não frequentam a igreja, não têm freio, não têm limite, fazem o que bem entendem, não têm respeito pelo próximo, às vezes não casam na igreja, mas se amontoam, vivem peleando, bebendo e brigando.

Também para o Sr. Amadeu a religião é muito importante, e o povo deveria respeitá-la, independentemente da denominação. Ele acredita que todas as religiões mandam fazer o bem. E acrescenta que “se todo mundo respeitasse a religião, seja qual for, esse mundo seria muito bom, mas, infelizmente, poucos respeitam ((baixa o tom de voz))... poucos”. Segundo Doustdar (1990, p. 40-41), “a religiosidade polonesa está estreitamente vinculada à formação de uma identidade nacional [...] a identificação entre religião e ‘polonidade’ se estende a todos os aspectos da vida”, o que nossos dados também confirmam.

Outro costume, muito comum na casa dos descendentes de poloneses, é pendurar inúmeros quadros religiosos nas paredes e colocar na sala um oratório com muitas imagens de santos, flores e velas para as orações pessoais e a reza do terço. Padre Euzébio afirmou que até mesmo nas casas mais modernas (de alvenaria) é comum encontrar imagens de santos e seus oratórios, pois, segundo ele, ali é o local reservado para a reza do terço em polonês.

Pe. Euzébio – Tem...tem... nas casas há um tempo atrás... das casas mais novas não é tanto, mas sempre que todas as casas que têm... mas... ainda você encontra **mesmo nas casas novas imagens de santos...** encontra ((inaudível)) não sempre... mas tem uma porçõzinha que, **acredito que 90% você vai encontrar imagens se for a casa mais antiga que... em geral... é de madeira...** certeza **que você vai encontrar uma sala... lá com todas as imagens... é um oratório onde a pessoa faz as orações... quando vai uma capelinha de Nossa Senhora... uma vez por mês... é lá que eles deixam ((pausa breve)) todas:... as:: eu diria que das:: das casas mais antigas... posso dizer que... se não 100%... 99% ((risos)) tem... você vai encontrar lá as imagens...**

Segundo Alvermann (2016, p. 02), “os artefatos são definidos como objetos materiais que **encarnam** determinada língua oral e práticas de letramento associadas com o uso de um objeto” (grifo nosso). Para Alvermann (2016), esses objetos contêm valores culturais e são passados de geração a geração. Woodward (2013, p. 09-10) afirma que “a identidade é marcada por meio de símbolos”, portanto, existe uma relação entre identidade e aquilo que a pessoa usa, aquilo em que ela acredita como sendo bom e verdadeiro.

Em suma, o que faz essa comunidade manter o “jeito de ser polonês” não é só preservação da língua polonesa trazida pelos primeiros imigrantes poloneses há mais de cem anos atrás, mas tudo que é associado a ela, especialmente a religião católica. Essa língua é falada por todos dentro da comunidade, desde as crianças, que aprendem com suas mães ou avós, até os mais idosos, que preferem utilizar mais o polonês ao português brasileiro.

Nossos dados mostram que a manutenção do ‘ser polonês’ no sul do Paraná é muito mais que falar a língua, é também (p)rezar e manter valores cultivados por quem fala essa língua. Não basta manter a língua, é preciso manter a cultura associada a essa língua, o que nos remete à religião católica, seus ritos, seus dogmas, seu conservadorismo, que está fortemente presente na vida e no ‘jeito de ser polonês’ ou ‘ser brasileiro’ naquela comunidade.

É no discurso que os participantes de nossa pesquisa se constituem e constroem o mundo que julgam o melhor: onde se mantêm as tradições, onde se repetem as rezas em polonês (como estão em polonês padrão, talvez nem todas as palavras sejam conhecidas, mas toda a simbologia relacionada a elas reveste-as de fundamental importância). Fora do discurso, as identidades étnico-linguísticas dos descendentes de poloneses são mantidas por uma série de elementos simbólicos que, assim como a língua, são passados de geração em geração, tais como, a reza do terço em casa e na igreja, meia hora antes das missas dominicais, os costumes e as tradições

que fazem parte das festas religiosas como Páscoa e Natal. Na Páscoa, a Via Sacra, em polonês; a bênção dos alimentos no sábado que antecede o domingo da Páscoa; a confecção de *pisanki*. No Natal, a partilha do *opłatek*; os cantos natalinos em polonês (que também eram ensinados na escola, no período em que o CELEM ofereceu aulas de polonês).

Com a convivência de duas línguas – português e polonês – e das culturas relacionadas a essas línguas, o que caracteriza o polonês falado na comunidade de Santa Faustina, no sul do Paraná é justamente a saudável mistura das línguas polonesa e portuguesa, ainda que os falantes julguem essa mescla como negativa (como não língua). É a mistura de um polonês que veio da Europa há mais de um século – cujos falantes muito pouco contato têm com aquele hoje falado na Europa – e que se mesclou ao português brasileiro, que produziu uma língua “polono-brasileira”, que se assemelha muito pouco ao polonês europeu, mas com a qual seus falantes se identificam e até aqui se esforçaram para mantê-la.

PALAVRAS FINAIS

Ainda que em 2016 o CELEM tenha parado de oferecer aulas de polonês em Santa Faustina, ainda que o novo padre chegado a Santa Faustina não saiba polonês, e, conseqüentemente, já não haja missa nessa língua; ainda que a irmã que rezava a Via Sacra, em função da idade, tenha se mudado a Curitiba, ainda assim se pode dizer que é possível que esse ‘jeito de ser polonês’ vai resistir por bastante tempo, uma vez que essa identidade étnico-linguística é mantida por tudo que diz respeito ao polonês: crenças, valores, atitudes, elementos simbólicos, entre os quais, a própria religião.

Em suma, o que faz essa comunidade manter o “jeito de ser polonês” é a preservação da língua polonesa trazida pelos primeiros imigrantes poloneses há mais de cem anos atrás. Essa língua é falada por todos dentro da comunidade, desde as crianças, que aprendem com suas mães ou avós, até os mais idosos, que preferem utilizar mais o polonês ao português brasileiro.

Ainda há outros aspectos importantes que ajudam a manter as identidades étnico-linguísticas dos descendentes de poloneses como, por exemplo, a reza do terço em casa e na igreja, meia hora antes das missas dominicais, os costumes e as tradições que fazem parte das festas religiosas como Páscoa e Natal. Na Páscoa, a Via Sacra, em polonês (que provavelmente alguma mulher conduzirá); a bênção dos alimentos no sábado que antecede o domingo da Páscoa; a confecção de *pisanki*. No Natal, a partilha do *opłatek*; os cantos natalinos. Há ainda o costume de pendurar quadros religiosos na parede e colocar um oratório na sala ou quarto para as orações pessoais e a reza do terço.

Por fim, o que caracteriza o polonês falado na comunidade de Santa Faustina, no sul do Paraná é a alternância das línguas polonesa e portuguesa (*code switching*), isto é, de um polonês que veio da Europa há mais de um século e que se mesclou ao português brasileiro, produzindo uma língua “polono-brasileira”, que se assemelha pouco ao polonês europeu e que convive harmoniosamente com o português

brasileiro e ajuda a manter a coesão da comunidade e a identidade étnico-linguística de seus moradores, descendentes de poloneses.

REFERÊNCIAS

- ALVERMANN, D.E. Literacies and identity, In: M. A. Peters (Ed.). *Encyclopedia of Educational Philosophy and Theory*. Singapore: Springer Science+Business Media, 2016.
- DELONG, S.R.; KERSCH, D.F. Perfil de descendentes de poloneses residents no sul do Brasil: a constituição da(s) identidade(s). *Revista Domínios de Linguagem*, v.8, n.3, 2014, p. 65-85.
- DELONG, S.R. *Vitalidade linguística e construção de identidades de descendentes de poloneses no sul do Paraná*. Tese de doutorado em Linguística Aplicada, Unisinos, São Leopoldo, 2016.
- DOUSTDAR, N. M. *Imigração polonesa: raízes históricas de um preconceito*. Dissertação de Mestrado História do Brasil. UFPR, Curitiba, 1990.
- DUSZAK, Anna. *Us and others*. Social Identities across languages, discourses and cultures. (Introdução). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2002.
- ERICKSON, F. Prefacio, In: COX, M.I.P.; ASSIS-PETERSON, A.A. de. *Cenas de sala de aula*. Campinas: Mercado de Letras, 2001, p. 9-18.
- GARCEZ, P.M. e SCHULZ, L. Olhares circunstanciados: etnografia da linguagem e pesquisa em Linguística Aplicada no Brasil. *DELTA*, n. 31, 2015, p. 1-34.
- GEE, J. P. Identity as an Analytic Lens for Research in Education, *Review of Research in Education*, n. 25, 2000-2001, p. 99 – 125.
- GLUCHOWSKI, K. *Os poloneses no Brasil: subsídios para o problema da colonização polonesa no Brasil*. Porto Alegre: Rodycz e Ordakowski Editores, 2005.
- GRITTI, I.R. *Imigração e colonização polonesa no Rio Grande do Sul: a emergência do preconceito*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2004.
- GUMPERZ, J.J. e HYMES, Dell. *Directions in Sociolinguistics*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1972.
- HALL, S. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T.T da (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 13. ed., Petrópolis: Vozes, 2013. p. 103-133.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- LEFFA, V. J. Identidade e aprendizagem de línguas. In: SILVA, K.A.; DANIEL, F.; KANECO MARQUES, S.M.; SALOMÃO, A.C.B. *A formação de professores de línguas – novos olhares*. São Paulo: Pontes, v.1, 2012, p. 51-81.
- MACIEL, M.E.M. *Línguas de imigrantes: a língua polonesa na região sul do Brasil*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina, 2010.
- MOITA LOPES, L.P. da. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

MOZZILLO, I. O *code-switching*: fenômeno inerente ao falante bilíngue. *Papia*, São Paulo, v. 19, 2009, p. 185-200.

SILVA, T.T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T.T. da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 13ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 73-102.

WACHOWICZ, R.C. *O camponês polonês no Brasil*. Curitiba: Casa Romário Martins/Fundação Cultural de Curitiba, 1981.

WOODWARD, K. (2013) Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T.T. da *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, p. 07-72.